



**Grupo de Estudios Sociales sobre
Paraguay
IEALC-FSOC
Universidad de Buenos Aires, Argentina**



**Instituto de Estudios de América Latina y el
Caribe
Facultad de Ciencias Sociales
Universidad de Buenos Aires**

Ponencia presentada en el

X Taller: “Paraguay desde las Ciencias Sociales”

Buenos Aires, 22, 23 y 24 de Junio de 2017

Muamba e Muambeiros: trabalho e circulação das coisas

Eduardo Rodrigues y Anaxsueil Silva

UNILA

Muamba e Muambeiros: trabalho e circulação das coisas.

*Rodrigues, Eduardo N.¹ y
Silva, Anaxsuell F.²*

Resumo:

O trabalho pretende apresentar uma etnografia sobre a circulação e vida social da Muamba, propõe-se os conceitos de mercadoria e construção de valor de Appadurai(2008). Como funciona a rede de circulação das coisas? Como a partir da circulação das coisas podemos entender a relação trabalhadores/muamba? É nesta perspectiva que o trabalho pretende debater as construções de valor, significados e ressignificados dos objetos que circulam entre os muambeiros e trabalhadores informais e as formas de sociabilidade presentes nestas dinâmicas na região de fronteira, ou seja, procura-se acompanhar o deslocamento e as transformações desses objetos de forma discursiva e analítica através do trajeto da muamba paraguaia e seus atores.

Palavras-chave: Trabalhadores, Mercadoria; Circulação; Muamba.

Resumen:

El trabajo pretende presentar una etnografía sobre la circulación y vida social de la muamba, se propone los conceptos de mercadería y construcción de valor de Appadurai(2008). Como funciona la red de circulación de cosas? Como a partir de la circulación de las cosas podemos entender las relaciones muamba/trabajadores. Es en esta perspectiva que el trabajo pretende poner en debate las construcciones de valor, significados y resignificados de los objetos que circulan entre los muambeiros y trabajadores informales, y las formas de sociabilidad presentes en estas dinámicas en la region de la Triple Frontera, o sea, se procura acompañar el desplazamiento y las transformaciones de esos objetos de forma discursiva y analítica através del trayecto da

muamba paraguaya y sus actores.

Palabras claves: Trabajadores; Mercaderia; Circulaciones; Muamba.

As coisas.. as muambas.. a mercadoria...

Ciudad del Este está localizada ao extremo leste do Paraguai, fazendo fronteira com Foz do Iguaçu - Brasil, é o terceiro maior centro comercial do mundo. As atividades econômica em região de fronteira se refletem no cotidiano das pessoas e consumo no Brasil, haja vista os inúmeros ônibus de viagens deslocando turistas, sacoleiros ou *muambeiros* que atravessam a Ponte da Amizade em busca dos produtos comercializados no Paraguai.

Muamba é um termo muitas vezes considerado pejorativo pois é usado para designar contrabando, mas durante viagens realizadas constatou-se os próprios trabalhadores atribuem as mercadorias o termo, assim como para si de muambeiro, que é o indivíduo cuja atividade relaciona-se diretamente com a aquisição, transporte e/ou comercialização de muamba. Definiremos muamba aqui, como cota, o conjunto de variados produtos (mercadorias) transportados não ultrapassa 300 dólares.

É nesta perspectiva que o trabalho pretende investigar as construções de valor, significados e ressignificados dos objetos que circulam nesse contexto, assim como as formas de sociabilidade presentes nestas dinâmicas, ou seja, procura-se acompanhar o deslocamento e as transformações desses objetos de forma discursiva e analítica através do trajeto da muamba paraguaia.

Para nortear o trabalho partimos de tanto algumas questões: o que faz a muamba, muamba? Como funciona a rede de circulação de coisas? Como a partir da circulação das coisas podemos entender as relações muamba/trabalhadores? Com a intenção discutir notas para uma etnografia sobre a circulação e vida social da muamba, propõe-se os conceitos de mercadoria e construção de valor de Appadurai (2008).

A partir da ideia de valor o autor afirma que o valor jamais é uma propriedade dos objetos, mas um julgamento dos sujeitos que sobre eles, a ideia de

mercadoria, segundo Appadurai (2008), não se trata de definir no primeiro momento o que é mercadoria, mas sim saber que tipo de troca é a troca de mercadorias, assim as mercadorias são coisas em determinada situação, ou seja, ser mercadoria é uma circunstância e não característica essencial ou determinante na produção. Sendo assim mercadoria é uma fase na vida das coisas, analisa Correia(2014), em referência a obra de Appadurai (2008).

Magda dos Santos Ribeiro (2013), em seu trabalho sobre a trajetória das sandálias Havaianas, sugere um deslocamento do olhar para as coisas trocadas e não apenas para as formas e funções ou consequência destas trocas evidenciando as condições sob as quais os objetos podem circular em diferentes regimes de valores temporais e espaciais.

Ao pensarmos os objetos dotados de uma vida social, e que essa vida é gerada por usos e significação das coisas, logo a recai sobre a ação humana que é de interesse da antropologia. Ou como aponta Kopytoff (2008) em uma proposta sobre a biografia das coisas, ou de que os objetos, bens materiais e marcas sejam possuidores de uma vida social, assim ajudando a entender que assim como as pessoas, podem ser pensados a partir de sua história biográfica.

As ideias de valor e mercadoria Appadurai(2008) são centrais para a análise etnográfica, assim como a trajetória social da muamba, a fim de entender as significações da muamba entre os atores.

Partindo dos conceitos descritos anteriormente, abre-se mão do método etnográfico, e das duas técnicas que o compõe o trabalho de campo complementando na construção da descrição densa de um grupo ou fenômeno, a observação participante e entrevistas. A observação participante através do contato direto e da convivência com o grupo em vários aspectos, necessita o acompanhamento do cotidiano e dos vários momentos rotineiros e rituais.

Essa abordagem própria da etnografia é que permite produzir um conhecimento diferente do obtido por intermédio da aplicação de outros métodos, como salienta Magnani:

“trata-se de um empreendimento que supõe um determinado

tipo de investimento, um trabalho paciente e contínuo ao cabo do qual e em alguns momentos, os fragmentos se ordenam, perfazendo um significado até mesmo inesperado”.
Magnani(2009, p135)

Etnografia no TransMuleke

O campo foi realizado em uma empresa especializada em viagens para compras no Paraguai, o Transmuleke que possui duas agências, uma em São Paulo e outra em Foz do Iguaçu, todo dia saem ônibus oriundos de São Paulo para Foz e vice-versa, a empresa também freta ônibus para muambeiros oriundos de Minas Gerais.

A atividade realizada pela empresa faz com que um contingente de objetos e pessoas se mobilizem em torno de uma prática, de ser muambeiro, atividade essa que passa pela vida dos objetos, mercadorias transportadas. Nessa empresa são transportados os passageiros, conhecidos popularmente como muambeiros com celulares, perfumes, tapetes, carrinho de controle remoto, dinossauros de borracha, blusa de couro, whisky, furadeira, uma variedade de coisas.

Tal observação permite entender a circulação dos objetos, relação de valor e da vida das coisas e dos atores que a movimentam. Durante o período de campo foram realizadas as seguintes atividades: pesquisa bibliográfica; entrada no campo: contatos e observações prévias; observação participante; realização de entrevistas informais, haja vista o tipo de objetos e o local em análise; Transcrição das entrevistas e dados coletados.

O que faz a muamba, muamba? É sem dúvida, o trabalho.

Gostaria de iniciar meu relato etnográfico recontando uma abordagem policial ocorrida em Campo Mourão no estado do Paraná, em um posto da Polícia Rodoviária Federal (PRF). O motorista como de costume parou para pagar o café dos policiais que sempre estão na guarnição, só que ao chegar na porta do posto policial ninguém apresentou-se fora, saindo depois de uns minutos cinco policiais que ficaram uns dez minutos falando com o motorista e por muitas vezes um dos soldados parecia

exaltado, nós que estávamos dentro do ônibus ficamos apreensivos. De repente se aproximam do ônibus junto com o motorista e a apreensão fica maior, eles entram e pedem para o motorista mandar todos levantarem do chão e sentar nos devidos lugares. Subiram três policiais e dos ficaram em volta do ônibus, um dos policiais que subiram toma a palavra em tom de autoridade e sotaque do nordeste brasileiro e diz olhando no olho de cada um dos passageiros:

“Nós somos da corregedoria da Polícia Rodoviária Federal estamos sabendo que Campo Mourão está uma zona, ontem os policiais dessa base foram presos por má conduta, aceitando propina de muambeiro, de traficante... Olha o motorista não apresentou o dinheiro, se ele houvesse apresentado ele estaria preso sendo conduzido a Maringá e o ônibus preso, ai depois vezes se vira em retirar a muamba na Receita Federal... Sorte de vocês e do motorista... olha quem é policial e aceita propina não merece está usando essa farda (e batia no peito), por isso o país tá a bagunça que está e isso começa por vocês... se alguém souber, ver o motorista ou o líder da excursão dando dinheiro á policiais, denunciem.. peguem o nome do soldado a hora e a base e entra no site da corregedoria e denuncie.. denuncie porque eles são mal exemplo para a sociedade.”

Enquanto o policial em tom efusivo termina a fala um outro verifica dois celulares de passageiros que estavam nos bancos da frente e pergunta se alguém tem grupo de whats³ de muambeiro ou transporte de mercadoria , com sotaque paulista e diz:

“Alguém aqui está em grupo de whats? Ontem apreendemos 13 pessoas com grupos de whats passando informação sobre blitz, sobre como transportar sem ser pego.. Quem

tiver grupinho de whats e a gente pegar vai prender porque é uma forma de burlar a lei, sem falar que vocês que passam informação não sabem com quem estão falando, pode ser muambeiro, gente querendo trabalhar mas pode ser que tenham traficantes e piratas também e estão acontecendo muitos assaltos na rodovia ... Não estou falando que o trabalho de vocês é certo mas esses piratas têm que ser presos, crime para mim é igual pecado não existe pecado pequeno nem pecado grande é tudo igual , mas vocês trabalham é ai o ônibus é assaltado e vocês não sabem o porque, por causa desses grupos de whats e desses policiais corruptos.”

O policial que falava antes retoma a palavra já liberando o ônibus:

“E fiquem sabendo que aqui não tem mais essa historia de propina que Campo Mourão está uma verdadeira zona.”

Liberam o ônibus e saem, a viagem prossegue.

Nesse trecho transcrito a partir de uma abordagem policial que acabou sendo causada, devido a parada do motorista no posto policial, podemos observar alguns pontos importantes o primeiro sobre o trajeto da muamba oriunda do Paraguai em território brasileiro e suas fases sobre a legalidade e sub-legalidade, que passa não só pelo objeto em si mas também do muambeiro, que é ator em contato direto com a “coisa”. Trazendo a luz uma nova categoria para a pesquisa os piratas, uma alusão aos saqueadores dos mares, que geralmente atuam na volta para Foz quando os muambeiros receberam o dinheiro da mercadoria que levaram para São Paulo e outros que estão indo às compras no Paraguai.

A segunda é evidenciar a relação *muamba/muambeiro* de uma identidade que é gerada pelo trabalho, ou seja, uma relação simbiótica que a muamba é pelo transporte e trabalho exercida pelo muambeiro, e o muambeiro por sua vez só o

é por causa da muamba. Quando o motorista pede para todos levantar e sentar nos devidos lugares é porque durante a viagem, principalmente depois da parada do jantar no posto Brasília, os muambeiros que embarcaram com tapetes e cobertores forram no chão e dormir no piso do ônibus.

A utilização dos objetos levados na mão durante a viagem revela uma identidade fluida dos objetos em trânsito assim como sua circulação, que se passar por uma blitz policial dou da receita Federal tirasse a embalagem seja de perfume, relógio, agasalho de time de futebol, o objeto passando a ser de quem transporta, não sendo mercadoria se desvincilhando assim da cota de 300 dólares.

A partir da ideia de que valor não é uma propriedade do objetos, mas um julgamento de sujeitos sobre eles, a ideia de mercadoria segundo Appadurai(2008), não se trata de definir em primeiro momento que é mercadoria. Mas sim saber que tipo de troca é a troca de mercadoria, assim as mercadorias são coisas em determinadas situação, ou seja, ser mercadoria é uma circunstância e não uma característica essencial ou determinante em sua produção. Sendo assim a mercadoria é uma fase na vida das coisas, analisa Correia(2014).

Outra fluidez da identidade da muamba pode ser observada na conversa com seu Abutre⁴, um senhor de 61anos, durante uma viagem em que sentei ao seu lado.

Eu -O senhor trabalha a quanto tempo com muamba?

Abutre –Há muito tempo.. pelo menos 30 anos.. já ganhei muito aqui e já perdi também.

Eu -Mas o senhor leva o que?

Abutre -Tapete.

Eu -Só tapete?

Abutre -Só.. já levei outras coisas mas tapete da dinheiro.

Eu -O senhor entrega na 25 de março mesmo?

Abutre – que nada entrego no Shopping Penha.

Eu -Mas vende bastante esses tapetes?

Abutre -Não sei, ele pedem e eu entrego na loja.

Essa fase distingue bem a relação do muambeiro com a muamba é de fluxo, de impessoalidade, de lucro. Chegando ao destino deixa de ser a “coisa Paraguai”, não é mais o objeto do muambeiro ou muamba é o produto da loja, do shopping, se destituindo da identidade paraguaia.

O transporte desses objetos sobre o domínio do trabalho gera uma rede de sociabilidade e solidariedade entre os próprios muambeiros seja para comprar algo no Paraguai, atravessar a ponte para o lado brasileiro com mercadoria, para conseguir laranjas ou para transportar entre SP-Foz.

Mas ante a toda circunstância do trabalho e do trajeto feito, porque um contingente tão grande diariamente se dirige a Ciudad del Este a fim da tal muamba paraguaia? O crescente número de desempregados nos dois países têm colaborado para a continuação dessa tradição de comprar coisas no Paraguai, óbvio que os preços baixos influenciam, mas o trabalho e o lucro estão como ponto chave.

Em uma conversa durante o dia de trabalho com a Li ,que foi uma das pessoas essenciais para a inserção no campo, indaguei:

Eu -Por que você trabalha aqui de muambeira?

Li – Não, imagina eu trabalhar o mês todo pra ganhar mil reais.. tenho filha pequena, sustento meu apartamento, pago para minha mãe cuidar da pequena... não dá!

Eu -Mas como é a vida na estrada?

Li -É boa... eu ganho mais que tivesse trabalhando fichada... mas eu gosto mesmo porque vicia. Quero sempre viajar.. sinto falta quando não viajo... você sabia que tenho uma irmã professora, imagina eu, muambeira com irmã que dá aula em faculdade.

Em outra conversa com uma senhora de 56 anos que aqui também adoto heterônimo de Maria.. uma baiana e muito conversadora.. ela diz:

Maria –Eu gosto de viajar porque é gostoso... um vício.. eu comparo a uma droga.. é uma droga esse trabalho.

O lucro que os trabalhadores informais nesse meio é de grande relevância para os mesmos, haja vista que no mercado formal as oportunidades são escassas de ganho. E o trabalho como algo vicioso assim como uma droga, se comparando a adictos.

As viagens são de ida para São Paulo e volta para Foz, ou vice-versa, algo interessante no circuito de volta para Foz é o numero de paraguaios e árabes que fazem o trajeto, geralmente aos domingos saindo da capital paulista em direção ao Paraguai, os árabes pela forte migração e grande força no comércio na região da Tríplice Fronteira vem a visitar parentes e comprar mercadorias. Já os paraguaios vão a São paulo pelo mesmo motivo dos árabes que vão a Tríplice Fronteira, a migração velada de paraguaios muitas vezes definitiva para a capital paulista, viajam sempre em três pessoas ou mais e o que culmina no retorno de alguns desses visitantes aos domingos para a Fronteira. Alguns paraguaios que consegui conversar durante as viagens me diziam que eram de Caazapá e Caaguazú, já apontado como origem dos paraguaios migrantes pela Missão Paz - São Paulo e divulgado por Pablo Pereira, O Estado de S. Paulo, 05 de novembro de 2014.

Conclusão

Na fala dos policiais podemos ver alguns pontos importantes para se pensar o trabalho de muambeiro entre a legalidade e ilegalidade, as varias formas de de identidades envolvidas seja por meio do trabalho ou da própria vida da muamba. E como a muamba gera sentidos e categorias de trabalho, como os patrões muambeiros, laranjas, piratas e policiais.

Os dados coletados durante o campo nos ajudam a pensar como a muamba gera uma rede de solidariedade entre os trabalhadores, solidariedade que gira

em torno do trabalho exercido, comparando com uma droga, que se usa e vicia.

A migração de árabes e paraguaios são notadamente efetivas nos fins de semana sobretudo aos domingos, o que demonstra a utilização desse dos serviços da Transmuleke por esses migrantes em virtude do processo migratório e pelo baixo custo das passagens.

Notas

1. Graduando em Antropologia pela Universidade Federal da Integração Latino Americana - UNILA
2. Doutor em Ciências Sociais (Antropologia) pela Universidade Estadual de Campinas e Professor da Universidade Federal da Integração Latino Americana
3. O whatsapp é um aplicativo de celular que oferece suporte ao envio e recebimento de uma variedade de arquivos de mídia: fotos, vídeos, documentos, compartilhamento de localização e também textos e chamadas de voz.
4. São usados nomes fictícios a fim de proteger a identidade dos citados. Os heterônimos são usados não como uma negação da identidade e sim por uma identidade velada.

Bibliografia

APPADURAI, A. (Org.). A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niterói: Editora da UFF, 2008.

CORREA, Sílvia Borges. Do “asfalto para a favela”, da “favela para o asfalto”: uma pesquisa etnográfica sobre a circulação e a vida social de móveis e eletrodomésticos/Sílvia Borges Correa, Michele de Lavra Pinto.–São Paulo, 2014.

FONSECA, C. Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2000.

GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan,

1989.

KOPYTOFF, I. A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. In: APPADURAI, A. (Org.). A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niterói: Editora da UFF, 2008.

MAGNANI, J. G. C. Etnografia como prática e experiência etnográfica. Horizontes Antropológicos, ano 15, n. 32, jul/dez. 2009.

MARQUES, E. Redes Sociais, Segregação e Pobreza. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

MAUSS, M.. Ensaio sobre a dádiva. in: Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

PEIRANO, M. A favor da etnografia. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

RIBEIRO, M. S. Por uma biografia das coisas: a vida social da marca *Havaianas* e a invenção da brasilidade », *Etnográfica* [Online], vol. 17 (2) | 2013, Online desde 20 Junho 2013, consultado em 14 Junho 2017. URL : <http://etnografica.revues.org/3148> ; DOI : 10.4000/etnografica.3148

SAHLINS, M. Cultura e razão prática. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

TAUSSIG, Michael.T. O diabo e o fetichismo da mercadoria na America do Sul./ Tradução: Priscila Santos da Costa.-São Paulo: Editora UNESP,2010.

Jornais e periódicos:

Jornal O Estado de São Paulo, por Pablo Pereira; 05 de novembro 2014.

<http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,estudo-revela-alta-do-fluxo-migratorio-do-paraguai-para-sp,1588046>